

VI CONBALF

**ALFABETIZAÇÃO
E DEMOCRACIA:
DIREITO À LEITURA
E À ESCRITA**

CONGRESSO
BRASILEIRO DE
ALFABETIZAÇÃO

ISSN 2763-8588

PROCESSOS DE ELABORAÇÃO DA ESCRITA: Uma análise de produção contextualizada

Nathan Ribeiro Machado de Moraes¹

Letícia Andrade Alves²

Paula da Silva Vidal Cid Lopes³

Eixo temático: 8 - Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo:

O estudo tem por objetivo evidenciar, através da análise da produção escrita realizada por um estudante do 1º ano do Ensino Fundamental, indícios que possibilitem a identificação de estratégias individualizadas de elaboração de conceitos sobre a escrita. Pretende-se verificar também, se para além das questões ortográficas e alfabéticas, a produção da escrita pela criança contempla as diferentes demandas estabelecidas pelo meio social e cultural. Tendo como premissa que as características na produção devem ser entendidas como marcas do processo individual de alfabetização e como consequência do contexto cultural e social na elaboração dos conceitos e significações sobre a escrita pela criança, realizamos uma análise sobre tais aspectos. Partindo do princípio de que a alfabetização deve ser compreendida desde sua gênese como construção de sentido, não mais restrita à codificação e decodificação, a assumimos como um processo amplo que deve atender às práticas sociais. Destacamos como base teórica os estudos de Constant; Machado; Lopes

¹Graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista PRODOCÊNCIA do projeto “A formação de leitores e escritores: modos individuais de representação da docência e dos processos de aprendizagem na área de Linguagem”, coordenado pela professora Paula Cid Lopes, na Faculdade de Educação, UERJ/Maracanã. Contato: nathanmachado27@outlook.com

²Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista PRODOCÊNCIA do projeto “A formação de leitores e escritores: modos individuais de representação da docência e dos processos de aprendizagem na área de Linguagem”, coordenado pela professora Paula Cid Lopes, na Faculdade de Educação, UERJ/Maracanã. Contato: doisele12@gmail.com

³Professora Associada do Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Projeto PRODOCÊNCIA “A formação de leitores e escritores: modos individuais de representação da docência e dos processos de aprendizagem na área de Linguagem”, na Faculdade de Educação, UERJ/Maracanã. Contato: paulacidlopes@gmail.com

(2022), Smolka (1999), Vygotsky (2008) e Goulart (2020). Em nossas conclusões, faz-se importante destacar que a aprendizagem do sistema alfabético de escrita não é inata aos sujeitos, nem algo que possa ser compreendido a partir de teorias universalizantes, mas que demanda construção de diferentes conhecimentos deste sistema complexo. Por isso, trataremos de caminhos autorais e diversificados que visam a aproximação com a cultura convencional da escrita, entendendo que as produções textuais devem partir sempre de um contexto social com sentido real.

Palavras-chaves: alfabetização; aprendizagem; ensino; escrita; prática social.

Introdução

A pesquisa que motivou a produção deste artigo, deu-se a partir de estudos, realizados no âmbito do Núcleo de Estudos e Ensino em Linguagens, Alfabetização e Letramento (NEELAL), da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/Campus Maracanã), através do Projeto de Prodocência “A formação de leitores e escritores: modos individuais de representação da docência e dos processos de aprendizagem na área de Linguagem”. Neste contexto, consideramos necessário tratar a aprendizagem e a construção dos sentidos da escrita. A imersão na temática do projeto, propiciou a articulação com uma discussão que envolve a alfabetização e os modos de aprender e de ensinar, motivada por estudos como os de Goulart (2015, 2020).

Partimos da premissa de que a alfabetização e os modos de aprender e de ensinar podem ser realizados considerando não somente que a criança contemple o sistema de escrita alfabético e ortográfico, mas que a função social da escrita também seja considerada em cada contexto de produção. É importante explicitar que compreendemos a importância que a aprendizagem da escrita convencional ocupa em nossa sociedade, visto que vivemos em um modelo no qual a cultura escrita é estritamente necessária para a interação em determinados grupos e espaços sociais. Entretanto, não podemos relacionar o aprendizado deste sistema complexo unicamente ao domínio do código linguístico. Para além deste, é fundamental buscar entender como se dá a constituição dos sentidos da escrita pelos sujeitos e quais são os conhecimentos envolvidos no processo para a construção de uma escrita que atenda, sobretudo, às diferentes demandas sociais.

Buscamos, deste modo, realizar uma análise que também abarca essa outra vertente, que é a subjetivação da escrita como prática social através do processo de alfabetização e da elaboração do sistema escrito pela criança.

Nesta perspectiva, consideramos a alfabetização como processo de prática de linguagem que se estabelece em interação discursiva. Os modos de aprender e de ensinar são

tratados no mesmo prisma e, assim, tais processos são compreendidos de forma que atendam aos diferentes e individualizados modos de significação e elaboração da escrita.

Diante dos aspectos apresentados, o artigo se desenvolve com o objetivo de analisar conhecimentos que permeiam o processo de elaboração da escrita pela criança, através da busca por indícios que possibilitem a identificação de estratégias individualizadas para elaboração de conceitos. Buscamos, portanto, evidenciar como a aprendizagem do sistema alfabético está articulada à elaboração da escrita como um processo amplo de produção de linguagem.

2 Fundamentação teórica

A perspectiva sociointeracionista de Vygotsky (2008), através da Teoria Social da mente, destaca as implicações do meio cultural e social no funcionamento da cognição humana e a necessidade da mediação nos processos de aprendizagem, contrapondo-se a teorias universalizantes que preveem neutralidade sociocultural. As trocas sociais influenciam diretamente a formulação de conceitos, sendo este o caminho para elaboração do conhecimento, construindo o entendimento de que conceitos são produzidos através de produção de cultura, num processo de "internalização da interação social" (VYGOTSKY, 2008).

Considerando o processo histórico da alfabetização, percebemos que por muito tempo esteve atrelado ao que conhecemos como seu conceito mecanicista de codificação e decodificação da fala em escrita e vice-versa. Explicado a partir de cartilhas de métodos sintéticos, o ato de alfabetizar tinha embasamento na repetição parcelada de sílabas, sons ou letras, pouco ou nada contextualizados, sem sentido real e com a exigência de atos motores repetitivos. Esses métodos se contrapõem à interação social e ao contexto cultural do sujeito como influência para construção de conceitos no processo de alfabetização. A produção da escrita é assim pensada como a reprodução de um comportamento (CONSTANT; MACHADO; LOPES, 2022).

Deste modo, comumente nomeava-se como dificuldade de aprendizagem o que na perspectiva sociointeracionista pode ser explicado como produto do desconhecimento de determinados conceitos e por processos diversos de aprendizagem. Os estigmas atribuídos aos sujeitos tipificados como fracassados na escolaridade, muitas vezes são baseados em perspectiva mecanicista de reprodução da escrita, que anula a diversidade cultural, sendo restrita à concepção escolar de leitor.

Por outro lado, a alfabetização pode ser compreendida de maneira ampla na vida do indivíduo, não como algo que implica somente na aprendizagem de letras, palavras e

sentenças. O desenvolvimento da escrita, portanto, não é inato ou simplesmente motor, mas algo que produz sentido para a compreensão de si e do mundo ao seu redor. Logo, entendemos a escrita como linguagem ao mesmo tempo constitutiva e constituidora do pensamento, conforme os estudos de Smolka (1999), que abarca não somente o aspecto cognitivo, mas também seu aspecto discursivo, amparada na complexidade das interações vividas (SMOLKA,1999).

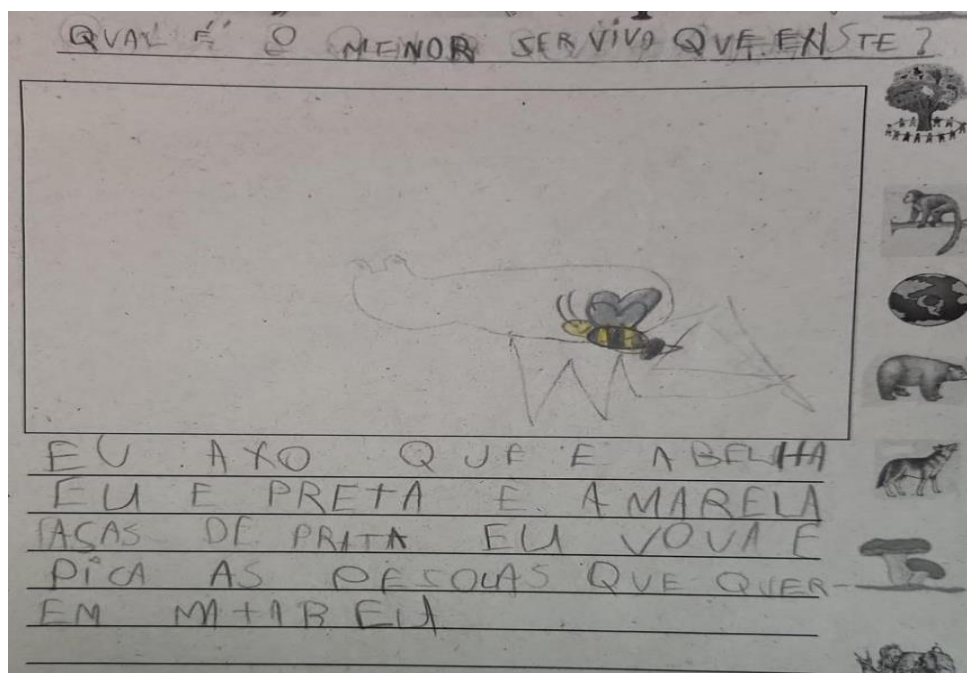
Sendo assim, há necessidade de uma proposta de formação para a leitura e a escrita que contemple diferentes aspectos da vida, que produza sentido, comunique e provoque interações em diversos meios e grupos sociais. Caso contrário, como professores alfabetizadores, não estamos motivando práticas de linguagem e geramos uma noção desconectada do ato comunicativo e contextual. O processo de alfabetização, como produção de linguagem, ocorrerá quando houver a interação motivada por sentidos reais entre o sujeito e sua escrita, levando em consideração a cultura, suas experiências e contextos de vidas.

3 Metodologia

Como objeto de análise, foi selecionado o texto escrito de uma criança de 6 anos, que na ocasião cursava o 1º ano do Ensino Fundamental, estudante de uma escola, adepta da teoria construtivista na alfabetização. Na turma é realizada a construção de um “Diário de Ciências”, no qual podem ser encontradas observações do cotidiano, levantamentos de hipóteses para perguntas motivadas por algum episódio vivenciado pela turma e conclusões estabelecidas pelas próprias crianças durante as atividades propostas no âmbito escolar. Na atividade escolhida para a análise, é levantado o seguinte questionamento às crianças: “Qual o menor ser vivo que existe na Terra?”. A ideia principal do trabalho desenvolvido não é encontrar uma resposta correta e única, mas sim propor um momento de reflexão individual e estimular a produção de linguagem. Desse modo, a proposta possibilitou, como observado na produção textual do aluno, uma escrita autoral com aspectos originais variados.

O texto apresenta uma diversidade de questões pontuais e hipóteses que podem ser abordadas quanto ao processo de elaboração de escrita. Nesse sentido, interessou ao nosso objetivo de analisar o processo de elaboração de textos escritos e as estratégias utilizadas para se aproximar dos padrões convencionais esperados de uma sociedade letrada. Não temos como proposta aqui apontar erros ou dificuldades do aluno, mas sim expor a maneira como a criança interage na escrita alfabética, de forma diversa e contextualizada.

Para realizar esta análise, nos baseamos nos estudos de Goulart (2015,2020) que abordam amplas discussões acerca do processo de alfabetização infantil. Em suas pesquisas, busca investigar a presença das crianças na linguagem e como são construídos os sentidos que são dados ao processo de elaboração de escrita. Goulart revela em seus trabalhos a complexidade do processo de produção de textos escritos por parte das crianças, já que são demandados diferentes conhecimentos para a aprendizagem significativa da linguagem escrita que contemple as práticas sociais. Sendo assim, a partir da análise dos indícios apresentados nas produções dos alunos é que se discute e compreende as estratégias utilizadas para a organização e elaboração escrita.



4 Resultados e Discussão

Ao analisarmos o contexto da escrita, identificamos que a criança leva seus conhecimentos prévios ao texto para descrever como é a abelha e usar as características dela para justificar seus argumentos, a produção articula-se de forma híbrida composta pela linguagem verbal, representada pela escrita e não verbal, representada pelo desenho, o qual dá conta de ilustrar a descrição que é feita pela criança. Esta é uma escrita motivada por interações com as atividades anteriormente experienciadas pela turma, através de linguagem sociais diversas. Configura-se através desses pontos uma perspectiva sociointeracionista de linguagem (VYGOTSKY, 2008), visto que a atividade é pensada e mediada sobre um contexto real, destacando implicações do meio cultural e social. Desta maneira, a proposta feita pela professora não compreende uma função apenas

escolarizada, mas extrapola esses limites e leva em consideração suas hipóteses sobre o mundo e seus fenômenos (GERALDI,1991).

A escrita do texto é realizada alfabeticamente, pois as ideias são explicitadas de forma que se consegue compreender, atendendo ao modo ortográfico em grande parte das palavras, com algumas marcas de escrita que destacamos a seguir. Há organização espacial convencional das letras e palavras que são descritas lado a lado e com respeito aos limites das linhas. A escrita revela adequada relação entre letra e som e atenção à segmentação das palavras ao longo do texto. Observamos que a pontuação como vírgulas para organizar as sequências de características enumeradas e ponto para finalização da produção realizada, não é um recurso usado pela criança, ao menos nesta produção.

Ao escrever a palavra “AXO” nota-se uma questão que é estritamente ortográfica, na troca do dígrafo “CH” pela consoante “X”. Infere-se uma ideia inicial de separação de sílabas da palavra “QUEREM”, pois não há uma separação exata, algo que propõe a hipótese de que os critérios de separação de sílabas não foram levados em consideração neste momento e sim um o critério de espaço delimitado para a escrita.

No caso da linguagem não-verbal, chama a atenção o fato da criança inicialmente ter produzido um desenho grande e, posteriormente, ter apagado para elaborar um desenho bem menor, o que pode ter sido uma estratégia para melhor dialogar com a questão inicial, já que se referia a uma animal pequeno.

Destaca-se também que na primeira linha a criança introduz o nome do ser vivo, já nas demais, ela faz uso do pronome nominal “Ela” para se referir à abelha. O contexto sintático do pronome é o mesmo em todas as ocasiões, substituindo o nome do inseto. Entretanto, percebe-se que, através do processamento parcelado do texto, o pronome se repete de forma excessiva e desnecessária, levantando uma hipótese de problemas de ordem morfológica. O pronome é repetido de forma a reforçar o sujeito o qual se refere, revelando que a criança mantém coerência ao tema, do início ao fim do texto.

As ocorrências de marcas não convencionais de ortografia, pontuação e repetições, abordadas na análise são tratadas, por muitas vezes, como erros de uma mesma natureza, por uma espécie de não saber. Através de perspectivas generalistas de aprendizagem, estudantes que não aprendem da maneira que a escola se propõe a ensinar são rotulados como portadores de algum distúrbio ou déficit. Entretanto, entendemos que estas marcas de elaboração da escrita indicam caminhos para o aprofundamento do conhecimento linguístico da criança, pois são soluções transitórias elaboradas pelas crianças ao resolver problemas para produção escrita (GOULART,2020).

Percebemos que na produção textual escrita de uma criança, muitos pontos devem ser observados, os quais podemos nomear como fatores extraescolares (SENNA, 2019), ou

seja, há conhecimentos relacionados à construção cognitiva e constituição desses sujeitos sociais e suas formas de escrita. Sendo assim, não há teoria que possa ser universalizada ao ponto de pensar e analisar de forma generalista a produção textual de uma criança.

Machado e Lopes nos propõem caminhos para tais reflexões ao afirmarem que:

Ao assumir qualquer escolha didático-pedagógica para o trabalho com a alfabetização, subjacentes à noção metodológica estão bases conceituais que imprimem os sentidos atribuídos por cada professor à sua prática. Trata-se aqui de conceitos de linguagem, de sujeito, de ideologia e de experiência escolar, compreendidos numa dinâmica que os articula e os define sempre de forma inter-relacionada. (MACHADO e LOPES, 2022, p.10)

Há de se destacar, portanto, teorias de aprendizagens que considerem contextos diversificados e autorais, de modo a atenderem a escrita em sua função discursiva, e manifestar a fundamental importância que ela possui na formação humana e social. O tipo de experiência de uma cultura de produção textual exclusivamente escolarizada é fadado ao isolamento do contexto social, promovendo assim a língua escrita como algo limitado e distante da produção de sentidos reais.

5 Considerações Finais

A discussão construída neste artigo chega à conclusão de que o processo de elaboração da escrita alfabética não pode ser compreendido através de metodologias universalizantes. Existem sujeitos sociais reais, que carregam consigo experiências culturais diversas que não devem ser desconsideradas durante seus processos de alfabetização. Uma proposta de alfabetização relevante, arraigada de sentido, que respeite os processos de construção da escrita, se faz ideal na formação de uma sociedade inclusiva e democrática.

A linguagem pode ser vista como viva e constituidora de sentido (GERALDI,1991), pois, caso contrário, a mesma não cumprirá sua função social e servirá de artifício para invisibilização dos sujeitos e suas capacidades, sendo estes por muitas vezes estigmatizados e excluídos por não atenderem às expectativas genéricas de alfabetização. Na produção escrita analisada observamos uma atividade autoral com intencionalidade social que extrapola a sala de aula e pode levar a criança à compreensão de que a língua é viva e presente nos meios com os quais interage. Analisando as marcas de escrita na produção apresentada pela criança, entendemos que os aspectos e conceitos postos em evidência apontam formas possíveis de elaborações alfabéticas, com produção de sentidos ao texto.

Sendo assim, propõe-se aqui alguns questionamentos: Que perspectivas temos ao olhar para as produções escritas dos alunos? Quais propostas de produção de linguagem na alfabetização estamos levando para sala de aula?

É importante então ressaltarmos a necessidade de uma formação para a diversidade, através de conceitos que permitam ao professor transitar entre culturas e, assim, considerar diferentes formas de aprendizagens. Trata-se de uma noção de docência que ao olhar para o aluno enxerga a pessoa (SENNA,2019), compreendendo seu modo de ser, pensar, interagir e aprender com tudo o que o cerca.

Um olhar contextualizado para o processo de elaboração da escrita não se limita aos critérios gráficos, mas a uma postura reflexiva que um professor pesquisador busca ao assumir suas escolhas didático-pedagógicas.

Referências

CONSTANT, Elaine; MACHADO, Maria Letícia Cautela de Almeida; LOPES, Paula da Silva Vidal Cid. Processos de alfabetização: princípios, políticas e estratégias para a diversidade dos modos de aprender e de ensinar. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 36-63, jan./abr. 2022.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes,1991.

GOULART, Cecília Maria Aldigueri. O processo de alfabetização e a produção do sentido no discurso escrito. **Filol. Linguíst. Port.** ,São Paulo, v.17, n.2, p.495-508, jul/dez, 2015.

GOULART, Cecília Maria Aldigueri. **A Produção de Textos Escritos Na Alfabetização: Era uma Vez os Sete Cabritinhos**". Niterói: Eduff,2020.

SENNA, Luiz Antonio. **Fundamentos da Linguagem na Educação**. Curitiba: Appris, 2019.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A Criança na Fase Inicial da Escrita: A alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.